

# Arro 1 **TYPOGRAPHO** M. 6

## ORÇÃO LITTERARIO

**REDACTOR--PEDRO GOUDEL**

Assig. por mez 300 rs.	PROPRIEDADE DOS EMPREGADOS DO CONSERVADOR	<b>PUBLICAÇÃO</b>
Pagamento adiantado	Desterro — Segunda-feira 25 de Junho de 1888.	<b>SEMANAL</b>

### Expediente

O **TYPOGRAPHO** publica-se nas segundas-feiras, e assigna-se na officina do CONSERVADOR, rua do Principe n. 63.

Os autographos que nos forem remettidos, embora não sejam publicados, não serão devolvidos.

**DIRECTORES:** — Manoel Falcão, Hermelino Siqueira e Francisco de Paula.

Todo e qualquer autographo pôde ser entregue a qualquer dos directores acima mencionados.

### COLLABORAÇÃO

#### NOSSA POLICIA

E' demasiadamente lamentavel o meio pelo qual as policiaes effecivas, á no-

de seus direitos, passavam pela rua do Principe.

Julgamos, e parece acertado, que aos policiaes cunpre-lhes manter a ordem, evitando conflictos e prohibindo obscenidades; mas não se embebedarem, pois que a embriaguez torna-os inaptos para o serviço e serve-lhes de estímulo ás provocações.

E' preciso que o Sr. Dr. Chefe de Policia, e mesmo o Sr. Delegado, que aliás parecem-nos justicieros, tenham conhecimento desses factos abusivos, reprovaveis e vergonhosissimos que costumam praticar os respectivos guardas.

Isto de estar qualquer pessoa sujeita a soffrer insultos sem motivos, desses ignorantes, ebrios e energúmenos policiaes, não só é vergonhoso á sociedade, como dá

Aos Srs. Dr. Chefe de Policia e Delegado pedimos atalhar tantos abusos da parte dos guardas policiaes, segurando assim a tranquillidade publica e o direito de cidadão.

P. Goudel.

#### Reparação

Um dever de justiça impõe a que não deixem passar desaperecebida uma allocução publicada no jornal *Crepusculo*, na parte «Noticiario», allocução essa que se refere á entrega de uma medalha de prata ao artista João Parahyba.

O sr. redactor do *Crepusculo*,—de quem com justiça apreciemos o bello talento,—moço de impalpavel intelligencia, nas papavel bastante em suas pretensões, julgou-se ferido em seu brio

LITTERATURA

Boa Fortuna

Eu assistia a primeira representação da minha peça. Os personagens creados pela minha phantaz a viviam, moviam-se na chimera real da scena; os meus versos escriptos na febre das noites felizes, trilhavam suas rimas triumphaes em meio de um profundo silencio de approvação ou de freneticos applausos. E eu, do fuado de um camarote detraz da claque ruidosa, não pensava em minha obra, não, nem no successo, nem na gloria!

Todos os meus pensamentos, todos os meus sentidos, todas as minhas forças vitaes, convergiam para a actriz extraordinaria e soberba, que estava dando vida ao meu drama, transformando num canto a minha palavra.

Nos ensaios, eu não gostára d'ella; tivemos mesmo, algumas vezes, viras discussões; mal tinha eu percebido que ella era tão seductora e tão bella!

Mas, vendo-a ali, na apothese ardente do theatro, arrastando seu vestido de brocado de ouro com o susurro sonoro dos periodos longos, rido risos rubros que queriam beijos, levantando braços nus que provocavam a caricia; vendo-a, alta, gorda, branca, com vermelhidões bruscas de sangue sob a neve viva das espaldas e da garganta,—eu acreditava estar vendo realmente, no esplendor dos amores criminosos, tal como eu a havia pensado, a formidavel cortezá italiana dos antigos tempos, concubina heroica dos cardeaes e dos papas,

E eu a amava, e

zaria distancia, sentia-me embriagado por aromas capitosos de carne, como si estivesse a rolar a cabeça em um ramillete de mulheres.

Apenas cahiu o panno, sahi. Nem pensava em ouvir as acclamações gloriosas que saudavam o meu nome!

Não quiz subir ao theatro. Si eu tivesse entrado no *foyer*, si tivesse visto de perto a admiravel actriz que tinha realisado o meu sonho de poeta, a mulher adoravel que m'ô fizera esquecer, eu me teria lançado sobre ella, tel-a-ia abraçado, tel-a-ia arrebatado commigo! De louco, receiei tornar-me ridiculo e absurdo.

Corri atravez das ruas, sem saber aonde ia. Sentia em redor do corpo, como uma cadeia viva e apertada, da qual nunca mais poderia livrar-me, o abraço com que ella alcançara o mancebo namorado da peça, no momento em que elle expirava. Onde estavam as estrellas do céu? eu só via os olhos della! E toda a furia das paixões que dardejára das pupilas, que projectava com os gestos inpectuosos, que estertoráram deliciosamente em a sua voz moribunda, perseguia-me, encaçava-me, apanhava-me, prendia-me agarrando-me pelos hombros. Finalmente entrei em minha casa, possuido, envolvido por aquella mulher.

Notei, com sorpresa, que a porta do meu quarto estava aberta; e apenas me abri o limiar, vi-a, vi-a, a actriz estava em seu trajo n... ao relam... ouro cario

direito, rep... gano do  
noticiarista... enera-  
ção, sem com tudo servir-  
se desse pretexto para atirar  
sarcasticamente ao menos-  
preso o alludido artista.

« Que a redacção do *Mosquito*, — diz o *Crepusculo*, — offecesse tal medalha, vá lá, mas...etc. »

O que quér s.s. dizer com isso?

Que o seu *Crepusculo* se desmoralisaria se formasse com o *Mosquito* pacto para entregar ao artista a medalha?

Ou aliás por julgar s.s. insufficiente o mesmo artista para tal offerecimento por parte do seu jornal?

um enigma o seu modo escrever sr. redactor d' *Crepusculo*.

Não tome por offensa o que acabamos de dizer: somos levados apenas pelo impulso da verdade...

João Parahyba, pois, não agradece a medalha, nem á redacção do *Crepusculo*, nem á do *Mosquito*; elle deve-a apenas a uma pleiade de moços, que ftando o caminho da justiça, olvidaram as joviaes pretenções de alguém...

E esses moços não se envergonhariam (pois o mesmo para tal não havia motivo), se algum jornal os mencionasse como auctores...

SONHO E VIZÃO

ELLA...

Quando eu pensava na felicidade, quando eu sonhava um d'esses sonhos doirados que nos inebria a alma em qua to repoisamos, eis que desperto para encarar com a negra realidade!

Sonhava que tinha-te em meus braços; que entre minhas mãos apertava tua mãozinha delicada, essa mãozinha de fada; que sobre meu hombro repoisava tua cabecinha, uma cal ecinna formosa onde negros e setinosos cabellos abundam; que meus labios... oh! mas eu sonhava; tudo era musão!..

Acordei-me. Um frio gélido fustigava-me a carne..

Meus braços apertavam um corpo que não tentava a menor resistencia; meus labios... (oh! maldição!) beijavam meus proprios braços, e... abraçava o travesseiro!..

Um sorriso talvez ironico, talvez descendo, entreabrio-me os labios

E tu, ó formosa donzella, em quanto eu labutava com tão lindos maxicueis pesadelos, dormias o scanno tranquillo das virgens!

Sonhavas talvez com um outro ente mais feliz do que eu, com o privilegiado do teu coração!

Mas... depois de sonhal-a em meus braços, depois de ter sua virginal cabeça sobre meu hombro, imaginar-lhe um outro amante... é asneira!

Vai-te, pensamento funebre!

Esperança, vem á meus braços!

Tentei reconciliar o sonho e a realidade, mas não consegui.

Tinha os olhos fitos no chão do quarto.

Permaneci assim até a meia-noite.

Subito al...

la...

—O que é isso, R? perguntou meu irmão que acordara-se assustado.

—Não foi nada.. balbuciei.

—Mas este barulho!..

—Fui eu que...cahi da cama!..

Racine

QUEM VAI Á CORTE

A Timotheo Maia

Eu nunca fui á Côte, mas tenho ouvido contar por muita gente, seu grande movimento e certos atavios bonitos e deslumbrantes.

E' sabido que todo o provinciano arde de desejo para ir a Côte... para ver novidades que na provincia não viu...

Eu acho isso muito natural e tanto que, si lá ainda não fui é porque minhas circunstancias me não permitem...

— Olha... — dizia um moço a outro — o Rio de Janeiro é um paraizo: ahí vé-se o que ha de bello no mundo... veem-se jardins soberbos, como os de Semiramis no Egypto, ornados de todas as flôres... ruas extensissimas e mathematicamente niveladas, offerecem-se livres de qualquer honra...

meu,) de uma vida irregular, quadro lindissimo para adornar sua...

A dama recebeu o elevado agrado de me seus prestim me ponderou o muita influencia gradal) ao que louco para me.

—Mas o que llofferecer? remmoço.

— Um empa que eu desejava mo disse, e influencia...

—Pois não a pessoa que não! ella pacer e immedi gar-lhe a p conselho...da

Eis o que ouve de que

NOTA

MUTILADO

es a 1.ª dama  
ina Durand e  
ecs Milone e  
comedia agra-  
do os actores  
dos.

cto, D. There-  
ma soprano,  
apefacção ge-  
ante *Cavati*  
pelo que foi  
saudada.

agli, 1.º tenor  
s ouvir uma  
za para te-

Valacca,  
gnificamente  
D. Victoria  
a contralto:

Miserere,  
galharda-  
astelli e pe-  
steve agra-

arany,  
te patri-  
omes.

cantado  
pela da-  
Ra-

Vem! E' tarde! Porque tardas?  
São horas do branco somno,  
Vem reclinar-te em meu peito  
Com teu languido abandono!...  
'Stá vazio nosso leito...  
'Stá vazio o mundo inteiro;  
E tu não queres que eu fique  
Solitario nesta vida...  
Mas porque tardas querida?..  
Já tenho esperado assaz...  
Vem depressa que eu deliro...  
« Oh! minha amante, onde estás?

Estrella — na tempestade,  
Rosa — nos ermos da vida,  
Iris — do naufrago errante,  
Illusão — d'alma descreida,  
Tu foste mulher formosa!  
Tu foste, ó filha do céu!...  
.. E hoje que o meu passado  
Para sempre morto jaz...  
Vendo finda a minha sorte,  
Pergunto aos ventos do norte...  
« Oh! minh'amaute, onde estás?

CASIRO ALVES.

Logogripho

A Garcia Netto

Isso segura os navios 1,5,10,11,4,13  
E tambem está nos mares 8,13,12,6,3  
Este passaro mui temosa 8,3,4,12,3  
Que se divisa nos astros 1,3,9  
E' defesa dos gentias 10,7,11,5

CONCEITO

O conceito, logogriphista  
Para melhor decifrar:  
O todo é linda menina,  
Que lá no Sul deve estar,  
22 Junho 88

FRANCISCO DE PAULA

bella como vae sempre ella no verão  
por aquelle céu morno; e o fresco  
das aguas se exhalava como um sus-  
piro do leito do Tibre. A noite ia bel-  
la. — Eu passeava a sós pela ponte  
de... As luzes se apagam uma por  
uma nos palacios, as ruas se fazião er-  
mas, e a lua de somnolenta se es-  
condia no leito de nuvens:

Uma sombra de mulher appare-  
ceu n'uma janella solitaria e escura.  
Era uma fôrma branca.

— A face daquella mulher era co-  
mo de uma estatua pallida à lua.  
Pelas faces della, como gottas de u-  
ma taça cahida, rollavam fios de la-  
grimas

Eu me encostei à aresta de um  
palacio — A visão desapareceu no  
escuro da janella, e dahi um canto  
se derramava. Não era só uma voz  
melodiosa; havia naquelle cantar  
um como chôro de phrenesi, um co-  
mo gemer de insania: aquella voz  
era sombria como a do vento à noi-  
te nos cemiterios cantando a nenia  
das flores murchas da morte

Depois o canto calou-se. A mu-  
lher appareceu na porta. Parecia  
espreitar se havia alguem nas ruas.  
Não viu ninguem — saiu. Eu segui a.

A noite ia cada vez mais alta: a  
lua sumira-se no céu, e a chuva ca-  
ia ás gottas pesadas: apenas eu sen-  
tia nas faces cahirem-me grossas la-  
grimas de agua, como sobre um tu-  
mulo prantos de orphãos

Andámos longo tempo pelo laby-  
rintho das ruas; enfim ella parou:  
estavamos n'um campo.

Aqui — ali — alem eram cruces  
que se erguiam de entre o herva-  
gal. Ella ajoelhou se. Parecia solu-  
gar: em torno della passavam às  
noite.

adormeci; sei apenas  
anheceu achei-me  
Comtudo a cre-  
a uma illusão  
campo san-  
to a uma

MUTILADO